

Neomalthusiano: o controle da população revisitado

Neomalthusian: the control of population revisited

João Freire e Maria Alexandre Lousada (orgs.).

Greve de Ventres! Para a história do movimento neomalthusiano em Portugal: em favor de um autocontrole da natalidade. Lisboa: Edições Colibri, 2012, 202 pp.

Mayara de Martini Cabeleira

Estudante de Ciências Sociais na PUC-SP, Brasil. Pesquisadora no Nu-Sol e bolsista de iniciação científica no Projeto Temático FAPESP *Ecopolítica. Governamentalidade planetária, novas institucionalizações e resistências na sociedade controle.* Contato: mayarademartini@yahoo.com.

O movimento neomalthusiano, procedente da França e da Inglaterra no início do século XX, tratou da procriação como uma decisão a ser tomada pelos pais diante de suas situações econômicas e sociais, como forma de confrontar o poder governamental e a força do capital financeiro. Em Portugal, foram anarquistas os “mentores da corrente neomalthusiana”, segundo o sociólogo João Freire¹ e a geógrafa Maria Alexandre Lousada², organizadores

de *Greve de Ventres! Para a história do movimento neomalthusiano em Portugal: em favor de um autocontrole da natalidade*, livro publicado em 2012 que compõe o Projeto de Investigação MOSCA (Movimento social crítico e alternativo: memória e referências) e que traz, além uma potente análise do movimento neomalthusiano, publicações e ilustrações dos periódicos até meados do século XX.

Embora a perspectiva de republicanos, socialistas e feministas a respeito da natalidade também esteja de alguma maneira presente no estudo, a compilação de textos e documentos

¹ Professor catedrático aposentado, professor emérito do ISCTE (Instituto Universitário de Lisboa) e pesquisador do CIES-IUL (Centro de Investigação e Estudos de Sociologia - Instituto Universitário de Lisboa).

² Professora auxiliar na mesma faculdade e pesquisadora do CEG/IGOT-UL

(Centro de Estudos Geográficos do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa)

da primeira metade do século XX reproduzidos no livro reconstrói a história do neomalthusianismo a partir da experiência dos anarquistas que viveram em Portugal neste período.

O malthusianismo, teoria demográfica conceituada pelo economista britânico Thomas Robert Malthus (1766-1834) no final do século XVIII e início do século XIX, visava controlar o aumento populacional na medida em que esse aumento era considerado um fator prejudicial ao melhoramento futuro da sociedade e à felicidade humana. Sob a justificativa de incompatibilidade entre crescimento econômico e disponibilidade de recursos, Malthus analisou dados demográficos cruzados com dados econômicos para formular sua teoria. No entanto, o neomalthusianismo se diferencia por atrelar ao controle de natalidade a questão do cuidado de si e da saúde de cada um. O neomalthusianismo também se volta para dar fim às péssimas condições do proletariado nas fábricas e aos nascimentos que mais tarde compõem o corpo militar do Estado, sublinhando a diferença entre fazer amor e fazer filhos.

Francis Place, pastor protestante, tal como Malthus, foi o primeiro homem a ser considerado um

neomalthusiano. Isso ocorreu em 1822, e desde então outros nomes começaram a surgir e a fazer do movimento uma importante atividade em toda a Europa e Estados Unidos, com organizações interessadas em discutir o neomalthusianismo. Entre essas organizações, a *Ligue de la Régénération Humaine* é destaque no livro por conta de seu principal mentor ser o anarquista e *maçon* Paul Robin (1837-1912)³, homem interessado em reduzir a natalidade pois, em sua perspectiva, isso implicaria mais tarde em uma redução do número de operários e de soldados, “rarefazendo assim o exército de reserva e de defesa do capital” (p. 11). Em suma, lutava por um bom nascimento e boa educação.

Em Portugal, foi o médico Ângelo Vaz⁴, ao lado de jovens anarquistas ligados em grande parte à atividade

³ Também conhecido como Robin de Cempuis, fundou a *Éducation Intégrale* e foi dos primeiros homens a fazer parte da Associação Internacional Anti-militarista. O livro reproduz sua breve biografia (p. 142), cujo autor é desconhecido, publicada primeiramente no principal jornal anarquista do período, *A Aurora*.

⁴ Neste momento, Vaz era próximo dos meios libertários portugueses. Mais tarde se situou no campo do republicanismo democrático e chegou a exercer o cargo de deputado no congresso da República.

farmacêutica, o responsável por disseminar o neomalthusianismo. Ângelo Vaz apresentou em 1902 a primeira tese acadêmica e também defesa pública dos princípios neomalthusianos no país, intitulada *Neomalthusianismo: tese inaugural apresentada à escola médico-cirúrgica do Porto*. Em trechos reproduzidos no livro, nota-se a preocupação de Vaz em marcar que o neomalthusianismo se diferencia da teoria de Malthus por não prezar sua proposta de abstinência sexual ou castidade. O médico usa como referência o livro *Elementos de Ciência Social, ou Religião Sexual, física e natural*, publicado em 1896 e de autoria desconhecida, para tratar sobre a copulação preventiva e esterilização voluntária. A fim de divulgar a intenção da doutrina neomalthusiana, Vaz traz também em sua tese o *Relatório da Liga da Regeneração Humana ao Congresso libertário de Paris*, de 1901, na íntegra e no original em francês (pp. 59-65). Na tese, o autor trabalha com cinco capítulos nos quais analisa as causas da miséria pela distinção de classes e pela existência da propriedade individual, mas também pelos efeitos da miséria atravessados pela prostituição, crime, suicídio e alcoolismo. Questões como a

fabricação química dos alimentos, acumulação de riqueza nas mãos de uma pequena minoria, darwinismo biológico, darwinismo sociológico e solidariedade são abordadas para elaborar uma análise crítica da teoria de Malthus e sinalizar a urgência do neomalthusianismo naquele período.

Pádua Correia, médico conhecedor de uma vasta literatura a esse respeito, também considerava que o neomalthusianismo poderia existir prescindindo das teorias de Malthus. No entanto, nota-se no decorrer do livro que alguns anarquistas daquele momento recorriam às teorias de Malthus para justificar o neomalthusianismo, como fizeram Pereira Carvalho, em seu texto publicado no jornal *A vida* em 1905 (p. 72), e Manuel Devaldés, em texto publicado no mesmo jornal em 1906 (p. 76).

Por meio de jornais e revistas libertárias⁵, muitos anarquistas passaram a publicar a propaganda neomalthusiana a fim de difundir o movimento em Portugal. Mais tarde, o movimento chegou também ao Brasil, país que trouxe à tona tal

⁵ Jornais: *Germinal*, *A vida*, *Terra Livre*, *A Humanidade*, *A Aurora*, *A Comuna* e *O Anarquista*; Revistas: *Luz e Vida*, *A Sementeira* e *Paz e liberdade*.

discussão ao exibir a peça teatral *Greve de Ventres!*, inspirada na obra de Luís Bulffi de mesmo título cuja publicação em brochura data 1906⁶. Nela, Bulffi procurou expressar certo modo de gozar o amor e meios para evitar a concepção ao mesmo tempo em que declarava um boicote à sociedade burguesa, já que o autor a considerava uma negação do direito à vida. Naquele momento estava em jogo ampliar o conhecimento a respeito de receitas, produtos e conselhos anticoncepcionais justapostos às melhores condições de vida do operariado e à “defesa do prazer no amor” (p. 20).

Aos poucos, o neomalthusianismo afastou-se da chamada lei da população que teorizava a necessidade de limitar o número de nascimentos enunciada por Malthus. A crítica ao pensamento malthusiano foi realizada em grande medida por Piotr Kropotkin, Karl Marx, Pierre-Joseph Proudhon e Errico Malatesta, e é marcada pelo argumento de que “o excesso de população só existe devido à desigualdade na distribuição das riquezas; que a miséria é produto do sistema econômico e social e a

⁶ A brochura encontra-se publicada na íntegra neste livro na sessão de textos e documentos (pp. 83-94).

natureza é infinita graças à capacidade do homem em aumentar as forças produtivas com o auxílio da técnica” (p. 21).

Nos escritos neomalthusianos pode-se encontrar tanto um discurso afirmando que, na luta contra o capitalismo, nada se pode esperar “dos famintos e dos indigentes” quanto outro, colocado pelos organizadores da obra como sendo um discurso de “princípios anarquistas”. Contudo, as práticas neomalthusianas foram propostas também por homens que pensavam o controle da natalidade como um importante meio para impedir nascimentos de indivíduos doentes, loucos, tarados, etc. – ou seja, um discurso caracterizado pelo eugenismo, como o de Egas Moniz e Nobre Cid. Nesse sentido, havia também uma prática neomalthusiana vivida por homens preocupados com os numerosos casos de tuberculose, sífilis e alcoolismo. Ambos os casos configuravam uma defesa da eugenia, contudo, “para uns significava a consolidação e melhoramento da Raça necessários à defesa da Nação, para outros [os anarquistas] era uma prática que permitiria não só o lutar contra a propagação das doenças no meio operário, como fortalecer o proletariado para o combate” (p. 22).

O farmacêutico e inventor das velas d'Erbon (técnica anticonceptiva), Nobre Cid, tem no livro um espaço dedicado à reprodução três de seus textos que foram publicados no jornal *Germinal* em fevereiro de 1912. Em um deles, afirma que o neomalthusianismo é “o hino redentor da Liberdade, é o sol iluminando todo o horizonte de Paz e Amor” (p. 134); em outra publicação, trata da sífilis hereditária que, se não atira as crianças para o “fundo coval”, faz com que estas constituam “o escalracho da sociedade, a miséria e a vergonha da nossa civilização” (p. 135).

Os autores do livro destacam ainda uma perspectiva neomalthusiana libertária, que declara guerra à natalidade, aos quartéis e ao capitalismo. Nela, está em jogo acabar com a “carne para o canhão, a carne para os prostíbulos e os filhos não desejados” (p. 22) para assim destruir o Estado, derrubar a Igreja e acabar com a desigualdade. Foi desta maneira que o neomalthusianismo procurou diferenciar o ato de fazer amor do de fazer filhos, para mostrar que uma “fonte inesgotável de prazer e amor” seria um meio de fugir “à miserável lei de vosso ventre se tornar um gerador inconsciente

de carne para alimentar o açougue burguês” (p. 22).

Interessava também fazer com que o movimento neomalthusiano deixasse de ser exclusividade dos ricos. Isso é mostrado no livro como um cuidado com a saúde diretamente relacionado com certa garantia de melhora imediata da vida dos operários, sinalizando o que os organizadores da coletânea chamam de discurso individualista presente na propaganda neomalthusiana e que entra em confronto com os princípios de coletividade e revolução social do início do século XX.

A propaganda neomalthusiana

Por serem farmacêuticos ou profissionais ligados à saúde, os mentores do neomalthusianismo divulgavam receitas caseiras e produtos contraceptivos regularmente por meio de jornais e revistas do chamado meio militante. Embora de outra maneira, mais sutil e direta, alguns jornais de grande tiragem⁷ também circularam muitos anúncios anticonceptivos. Ambos os meios foram importantes para a divulgação das práticas contraceptivas entre a

⁷ Jornais *O Mundo*, *República*, *O Intransigente*, *O Primeiro de Janeiro* e *O Socialista*.

população urbana. Como havia o interesse lucrativo na venda dos produtos farmacêuticos, tal propaganda sempre vinha acompanhada da advertência dos riscos das receitas caseiras, indicando “que ninguém se fie em baratezas em preparos deste gênero, que podem sair caríssimos” (p. 30).

Diante de tal duplicidade, o livro procura esclarecer qual é o lugar do neomalthusianismo em meio ao movimento anarquista. Como o anarquismo pode ser entendido por diferentes perspectivas, tais como o anarco-sindicalismo, anarco-comunismo e o anarquismo individualista e libertário, o neomalthusianismo libertário do início do século XX em Portugal é caracterizado por “seu apelo individual (e interindividual, tratando-se de procriação humana) a uma mudança de comportamentos e, por outro lado, o modo como essa propaganda foi desenvolvida, desinteressando-se da construção de grandes organizações permanentes (como os sindicatos) para se consagrar a campanhas de divulgação com algum impacto emocional e publicitário, veiculadas por folhas de imprensa e apoiadas pela venda/distribuição de produtos anticoncepcionais” (p. 31). Será

por conta dessa prática que o neomalthusianismo passará a construir em grande medida sua inclinação individualizante da filosofia política anarquista.

Naquele momento, estavam em jogo duas perspectivas apelativas ao esforço de aperfeiçoamento individual: o antimilitarismo e o naturismo. Contudo, certo “puritanismo e misticismo” entre os naturistas libertários dificultavam o racionalismo neomalthusiano em certas questões, ao contrário dos anarco-sindicalistas e anarco-comunistas que não deixaram de participar e colaborar com a divulgação do neomalthusianismo.

Há ainda outros nomes de neomalthusianos anarquistas ou de individualistas antimilitares importantes apresentados no livro a partir de suas publicações da época, como os textos “Portugal e o Neomalthusianismo”, de Augusto Machado publicado, em 1910 no jornal *A Aurora* (p. 102); “Mulheres, Não Procrieis!”, de José Joaquim Teixeira Júnior, publicado em 1911 pela *Biblioteca de Escritores Jovens*; “A Lei da População”, de José Carlos de Sousa, publicado em 1911 no jornal *O sindicalista*; “A miséria”, de Laurent, publicado em 1912 no jornal *O Trabalhador Rural*;

“Neomalthusianismo”, de Gaspar Santos, publicado em 1913 no jornal *Terra Livre*. Entre publicações coletivas, um destaque do movimento é o texto “Procriação Consciente: páginas de práticas neomalthusianas”, da Confederação dos Grupos Operários Neomalthusianos, publicado em 1922 em edições da revista *A Sementeira*.

O silenciar do neomalthusianismo

Em meio ao movimento operário, o neomalthusianismo nunca teve oportunidade de chegar a um congresso sindical. Entre os socialistas, atingiu-se o emprego da denúncia ao escreverem sobre os produtos contraceptivos. Entre os republicanos, o frequente paradoxo: enquanto criticavam o neomalthusianismo na primeira página de seus jornais, publicavam a propaganda comercial contraceptiva do movimento na última página. Entre as feministas, apesar de suas preocupações com o aborto e a prostituição, nunca se posicionaram em relação ao neomalthusianismo.

A expansão da publicidade comercial anticonceptiva na grande imprensa passou a incomodar o aparelho legislativo do Estado. Em resposta, o ministro do Interior, Rodrigo Rodrigues, apresentou uma

proposta de lei – que não chegou a ser votada – proibindo a difusão do neomalthusianismo e as práticas e produtos anticoncepcionais, sob pena de até dois anos de prisão. A proposta de lei anti-neomalthusiana levada ao Parlamento pode ser consultada na íntegra no livro (p. 147).

No entanto, as oposições à propaganda neomalthusiana não foram realizadas só pelo Estado. Houve também a criação da *Liga Portuguesa da Moralidade Pública*, em 1913, com a intenção de ser um comitê de vigilância. Esta objetivava conceder “proteção à mulher, à criança e aos animais, o limite do número de tabernas” (p. 33) e extinguir o jogo e a prostituição. No mesmo ano de criação da Liga, inúmeros ativistas e operários foram presos, o que silenciou em grande medida a propaganda neomalthusiana. No ano seguinte, com o estopim da I Guerra Mundial, tanto o movimento anarquista quanto o operário se dividiu, o que veio a contribuir ainda mais com certo “clima de desânimo nos desorganizados meios libertários portugueses” (p. 34).

A guerra foi então um episódio que colaborou com a interrupção da ebulição que vivia o movimento neomalthusiano nos primeiros anos

do século XX, apesar de que “não significou a morte do fermento de que era portador” (p. 39). Mais tarde, ao longo dos anos 1930-40, reascendeu-se o debate em torno da propaganda neomalthusiana, embora com algumas mudanças e com menor intensidade por conta das restrições ditatoriais do período. Destaque dessa segunda fase do movimento foi o grupo de educação *Despertar*, que distribuiu, gratuita e discretamente pelos bairros pobres e populares de Lisboa, pessários oclusivos⁸ acompanhados de um folheto de instrução às mulheres. Há indícios de que o folheto tenha sido redigido pelo anarquista individualista Jaime Brasil, e se não o foi, certamente foi revisado e aprovado por ele. Seu conteúdo está publicado na íntegra para consulta no livro (pp. 191-196). Jaime Brasil também possui uma publicação muito importante nesse período, *A questão Social*, publicada em 1922 pela Casa Editora Nunes de Carvalho, e que tem alguns trechos compilados no livro (pp. 165-187). Nessa publicação, Brasil fez um grande estudo em torno da questão da

⁸ Dispositivo côncavo de uso interno na mulher que servia como método contraceptivo muito usado naquele período. O dispositivo distribuído era mandado fabricar industrialmente pelo próprio grupo.

sexualidade, da procriação e do amor e, por isso, foi criticado amplamente pelos setores conservadores, burgueses e, sobretudo, pelos católicos.

Marcado como um movimento de intervenção social, o neomalthusianismo passou por algumas mudanças neste período, que ficou conhecido como a fase *birth control* (controle de natalidade), cuja grande impulsionadora foi Margaret Sanger, que propôs substituir a argumentação econômico-política do neomalthusianismo por uma outra mais limitada ao equilíbrio da vida familiar e à luta contra a fatalidade do aborto. Em certos países, como foi o caso de Portugal, o “termo controle dos nascimentos (talvez pelas suas conotações eugenistas) veio a ser ultrapassado pela designação mais neutra de planeamento familiar” (pp. 40-41).

Comportamento demográfico

Feita a reconstrução histórica do movimento, os organizadores do livro buscaram mostrar brevemente um pouco do efeito da propaganda neomalthusiana no comportamento demográfico em Portugal. Segundo a análise, houve um decréscimo das taxas de natalidade no país ao longo da primeira metade do século

XX, sendo acentuada a partir de 1920 – chegando a uma redução de 20%. Em Portugal, foram os centros urbanos os responsáveis por este declínio.

Essa queda da taxa de natalidade passou a preocupar Igreja e Estado e foi nesse sentido que médicos católicos e bispos organizaram uma campanha nos anos 1920 contra o neomalthusianismo; em 1927, o *Primeiro Congresso Nacional de Farmácia* conseguiu proibir a venda de abortivos e anticonceptivos. Com o apoio de certos médicos, as medidas legislativas passaram a ser reclamadas também por intelectuais preocupados com a “moda do eugenismo, que “(...) teve algum parentesco com os ideais perfeccionistas dos neomalthusianos” (p. 44). Mais tarde, já em 1940, o Congresso Nacional de Ciências Populares colocou em pauta uma reflexão em torno da evolução já bem identificada das práticas sociais de procriação e o apelo a políticas mais vigorosas no domínio da natalidade. Foi neste contexto que o presidente do Congresso se mostrou contra a propaganda neomalthusiana que defendia uma política de restrição da natalidade.

Na perspectiva dos organizadores da obra, o efeito das políticas de

natalidade dos regimes fascistas nada se assimila à propaganda neomalthusiana realizada pelos chamados militantes anarquistas, pois foram estes os considerados pela obra como precursores da procriação voluntária e consciente, além de responsáveis de certa maneira pelo chamado *birth control* e planejamento familiar, ainda atuais nos dias de hoje.

Se, por um lado o neomalthusianismo foi visto com preocupação pelos setores governamentais, interessado na preservação e continuidade do capital financeiro, por outro lado, pode ser analisado através de uma perspectiva libertária preocupada com o cuidado da própria vida e não de sua produtividade como a exposta no livro. O movimento pode ser criticado por sua pretensão de exercer certo controle a partir de uma conscientização e moralismo. No entanto, a obra também possibilita acompanhar a trajetória deste movimento no que diz respeito à preocupação de alguns anarquistas do início do século que estavam atentos à questão do cuidado de si.

A pesquisa transformada em livro pelo Projeto MOSCA salvaguarda a memória e valores de um período histórico que inventou outras

possibilidades para lidar com a grande relevância de se fazer uma vida mais saudável. Mostrar um movimento de inovação e experimentação comportamental e social que atravessa questões como a saúde, a autonomia mulher, a reflexão sobre

a procriação, o antimilitarismo e os modos de vida reverbera em fogo a potência do anarquismo presente na universidade portuguesa. Esse fogo pirotécnico tão presente nos livros que nos fazem aprender e nos atizam a experimentar.